

# I

## Primeira Introdução

*Ernst Ingmar Bergman nasceu e morreu no mês de Julho. Viveu entre 1918 e 2007.*

*Se não tivesse sido um dos realizadores de cinema mais admirados, e desejados, em todo o mundo, teria sido, digo eu, um escritor. Aliás, escreveu quase todos os guiões dos seus filmes.*

*Interrogou, desde sempre, a ambiguidade do ser humano, o sofrimento psicológico, as máscaras da vida e da morte, pesadelos e loucuras, tudo o que assola o ser racional desde o nascimento até à morte. Também a ausência ou a permanência de Deus pelas vielas e atalhos da vida o incomodaram. A invocação de Deus, desde a infância, foi das situações mais terríveis com que se confrontou até sair da casa de família, aos 19 anos, no seguimento de uma violenta discussão com o pai, o que era normal no dia-a-dia da família. As discussões sucediam-se, ou entre irmãos, ou entre pai e mãe. Por vezes violentíssimas. As que havia entre ele e o pai eram as mais violentas. Um terror.*

*Desaparecem, as vidas? Ele acreditava numa outra oportunidade. Sob que forma, isso ninguém sabe.*

*Este livro não é uma biografia no sentido clássico do termo. São apontamentos, resumos, descobertas, certezas e incertezas que fui adquirindo ao ler, ao observar e ao visitar os locais da sua vida. Por isso, não se esperem minúcias e apreciações da formidável actividade artística de Ingmar Bergman.*

*Assim, para melhor tocar e perceber os locais da vida do artista que tanto admiro, viajei no início de Junho do ano de 2019 para a ilha de Fårö, no mar Báltico.*

*Ingmar Bergman chegou à minúscula ilha no mês de Abril de 1960. Tinha 42 anos nessa altura, e lá morreu em Julho de 2007, aos 89 anos. Combinou um amor urgente com essa natureza estranha que não é fácil de perceber nem de aceitar. Toda a sua vida foi assim tecida em incompreensões e desgastes, ventanias.*

*Fårö tem um clima muito agreste. O vento fortíssimo arrasa qualquer intenção de permanência. O solo é duro. O silêncio é estridente como os gritos das aves marinhas a cortar o céu. Eu estive aqui por uns dias, numa pequena casa alugada, no campo. Não encontrei, como vizinhança, uma única pessoa.*

*No carro alugado, bastam alguns quilómetros para percorrer toda a ilha, a não ser que nos embrenhemos pelos atalhos, por entre a densidade dos pinheiros. Iremos, então, dar às praias. Descubro as famosas rochas que servem de cartaz turístico da ilha. Um cenário surpreendente e estranho, na verdade.*

*Naqueles tempos, no ano em que Ingmar ali apareceu, não havia quase nada a não ser os seus poucos habitantes, agricultores e pescadores, a igreja e pouco mais.*

*Difícil é a não-descrição desta paragem. Apetecia-me ficar aqui a desenhar as pedras roladas da praia com as suas pequenas flores arroxeadas, as esculturas das rochas, o silêncio da água do mar, as aves marinhas.*

*Mas não.*

*Pretendi, ao escrever sobre Ingmar Bergman, informar todos quantos lerem este livro sobre alguns pormenores de um ser artístico e invulgar que penso ter percebido. Mergulhei, pois, nessa vida e só apareci à superfície do meu quotidiano para respirar.*

*É que, mesmo dedicadas à arte, nem todas as vidas, nem todas as existências são artísticas. A dele foi.\**

\* Em 2007, a UNESCO certificou a inscrição dos Arquivos de Ingmar Bergman como acervo e registo de documentos considerados de interesse para a

*A sua figura, os filmes, os escritos que deixou foram e são conhecidos em todo o mundo. Acredito que milhões de pessoas nunca tenham visto um único dos seus filmes, nem tenham lido nenhum dos guiões que escreveu, nem tenham assistido a uma única peça de teatro que tenha encenado, mas da fama ninguém o livra.*

*A propósito destas considerações, uma nota: Arne Carlsson foi assistente de fotografia de Sven Nykvist, considerado um dos maiores directores de fotografia de todos os tempos. Arne trabalhou de perto e por muitos anos com Ingmar. Um dia viajou para a Florida para conhecer uma pessoa de família, uma tia. A senhora tinha avisado os seus vizinhos e amigos de que iria chegar um familiar, amigo pessoal de Ingmar Bergman. Centenas de pessoas juntaram-se, na povoação, para receber Arne Carlsson, tocavam-lhe e queriam saber tudo, mas tudo, sobre o realizador, o que lhe causou enorme espanto. Assim percebeu, de modo concreto e real, até que ponto Ingmar Bergman era conhecido nessa longínqua paragem norte-americana...*

Humanidade. Nestes arquivos constam milhares de documentos e mais de 10 000 cartas que ele escreveu e recebeu: uma colecção única de material com mais de 60 anos de contínua actividade artística. Os Arquivos de Ingmar Bergman, que podem ser visitados na Fundação Bergman, em Estocolmo, são uma das mais completas fontes para o estudo do trabalho deste artista.

## II

Apresento-me:

Sou um fóssil antiquíssimo agarrado às paredes da Terra, naufragado no miolo do mar. Só percebi a minha condição quando cheguei a esta praia, quando deixei de me preocupar com a vida que tenho e tive desde o dia do meu nascimento; só deixei de me preocupar com a vida e com a morte quando estes pés calcaram pela primeira vez o areão grosso e os meus olhos viram, se abriram e viram, e perceberam o peso das nuvens junto à sua água primitiva. Complicado.

Sou um fóssil antiquíssimo agarrado para sempre à rocha, destas que existem por aqui. Qualquer pessoa as pode ver e apreciar. Têm formas esquisitas a despontar das águas quase paradas desta praia onde a solidão é a perder de vista.

É isso que sou. Um fóssil de líquen.

E um fóssil, à primeira vista, não tem muito que se lhe diga.

### 3 *Ovos*

Todas as crianças passam por maus bocados provenientes das suas imaginações. Todas as crianças imaginam coisas. Armazenam as mais variadas informações, as boas e as más, as

doces e as assustadoras, nas suas terríveis e complicadas cabeças, e servem-se disso para crescer e viver. Também tive os meus maus bocados. Toda a gente sabe que a minha primeira infância foi complicada. O meu pai não me deixou saudades, ele e os seus castigos, pancadas e ameaças. Além disto tudo, tinha um prazer inexplicável em martirizar, em fazer supor coisas, em mentir-nos e castigar-nos a nós, seus filhos amedrontados e frágeis. Iria jurar que foi por causa do meu pai que passei a sofrer deste mal de toda a vida. Ainda me incomodam as cólicas no estômago.

Maldito.

Tinha oito anos quando comecei a conhecer bem, realmente bem, todas as sombras, todas as rachas das tábuas de madeira do corredor da casa da minha avó, as sombras que os finos recortes do sol a entrar pelas vidraças, sempre bastante sujas, desenhavam à volta dos nós da madeira nas tábuas do chão. Nessa altura, no fim do dia, quando a luz já de si bastante fraca desaparecia de repente e eu começava a ouvir o arrastar das pantufas dela por toda a casa, à procura dos fósforos para acender as velas, eu acocorava-me a um canto, encostado à parede. Começava, então, a imaginar que todas aquelas sombras, mais os nós da madeira, até os desenhos do papel de parede tomavam formas, as mais variadas, e dessas formas nasciam criaturas animadas de vida que se soltavam por ali fora.

Uma espécie de marionetas com vida a derreterem-se pelas paredes abaixo até tocarem e se desfazerem no sobrado. Produziam um barulhinho peculiar. E passavam de desenhos e sombreados a figuras humanas muito rígidas e inexpressivas. Às tantas, tinha uma multidão de pessoazinhas alinhadas à minha frente. E eu sentado no chão, sem sapatos, as peúgas húmidas, encostado à parede, a camisa fria, a parede fria, todo o ar já muito frio, mas as figuras dançavam e saltavam. Pareciam contentes por terem conseguido escapar-se do papel de